

# Considerações sobre a história do ensino da língua portuguesa no Brasil: um livro didático da década de 1960

(Considerations about history of portuguese teaching in Brazil: a textbook of the 1960s)

Joceli Cargnelutti

Curso de Letras – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

[jocelicar@hotmail.com](mailto:jocelicar@hotmail.com)

**Abstract:** In this work, we have as objective to report some results of a investigation related to history of Portuguese as a curricular discipline in Brazil in 1960s, having as source of information a textbook very used in schools of this country in that period (Angelo, 2005), intitled *Português*, by Domingos Paschoal Cegalla. In this paper, we analyze and describe the physical structure of the textbook, besides its internal organization, and, finally, we point the language teaching practices and didactic resources used for so, identifying conceptions of language and mother language present in the manual.

**Key words:** teaching; Portuguese language; Portuguese textbook.

**Resumo:** O trabalho visa a relatar alguns resultados obtidos numa investigação que se voltou à história da disciplina curricular Língua Portuguesa no Brasil, na década de 1960, tomando como fonte de informação um livro didático que foi muito utilizado no período em questão, intitulado *Português*, de Domingos Paschoal Cegalla. Neste trabalho, buscou-se analisar e descrevemos a estrutura física do livro e a organização interna da obra e, por fim, apontar as práticas e recursos didáticos utilizados, identificando concepções de língua, linguagem e de ensino de língua materna presentes no manual.

**Palavras-chave:** ensino; Língua Portuguesa; livro didático.

## **Introdução**

Uma breve análise dos atuais currículos de licenciatura em Letras permite logo perceber que a formação do professor de Língua Portuguesa se dá sem que haja qualquer reflexão sobre o passado desse ensino. Essa lacuna existente impede que os alunos tomem contato e reflitam sobre as práticas pedagógicas vividas por outros professores e em outras épocas. Com isso, ficam impossibilitados, também, de analisar as concepções de língua e de ensino de língua que já tomaram lugar nas aulas de Língua Portuguesa e quais foram os recursos e materiais didáticos utilizados no interior da sala de aula de décadas atrás.

A lacuna existente parece levar a crer que o ensino sempre se fez da mesma forma, ou seja, como um contínuo sem alterações de práticas, de concepções de língua e de ensino de língua, sem transformações de métodos e de materiais didáticos. Em outras palavras, não há nos cursos de licenciatura em Letras um escape, para que os alunos de Letras possam conhecer que o ensino de Língua Portuguesa tem uma história já vivida, e que o conhecimento dessa história pode ser fonte de reflexão e discussão para a situação vivida hoje no ensino e para a aquela que futuramente viverão como professores de língua materna. Considerando a carência desses conhecimentos e defendendo a necessidade de estabelecer um diálogo entre presente, passado e futuro, é que o presente trabalho se coloca investigando uma fonte escrita que permita uma aproximação à história do ensino de língua materna.

O presente trabalho é uma tentativa de investigar a história da disciplina curricular Língua Portuguesa no Brasil, a partir da segunda metade do século XX, e conhecer e analisar práticas e recursos didáticos utilizados nesse ensino, identificar que concepções de linguagem, de língua e de ensino de língua, tomando como fonte de informação um livro didático utilizado na década de 1990.

O trabalho se voltou à análise de um livro didático de Língua Portuguesa em função de ser esse material uma importante fonte de informação sobre o desenvolvimento do ensino de qualquer disciplina, segundo Chervel (1990).

A investigação se colocou na direção de responder à questão: o que um estudo histórico de um livro didático de Língua Portuguesa de décadas passadas pode revelar a respeito da constituição de ensino praticado nos anos 1960 no Brasil? O trabalho, a seguir, procura responder a esse questionamento.

## **Pressupostos teóricos**

Fazendo uma pesquisa sobre textos acadêmicos dirigidos à recuperação da história da disciplina Língua Portuguesa no Brasil, textos como os de Silveira (1991), Soares (2002), Pessanha et al. (2004), Souza Júnior & Galvão (2005) podem ser encontrados.

Para Souza Júnior & Galvão (2005), um dos motivos pelos quais a História das Disciplinas Escolares tem se configurado, na atualidade brasileira, como uma importante área de estudos tem sido a sua potencialidade em fornecer um novo olhar

para a escola do passado, permitido perceber que a história da educação vai além da história dos ideários e dos discursos pedagógicos. Afirma também que estudos nesse campo permitem, ainda, complexificar a noção de tempo, na medida em que o estudo das transformações de um saber que se torna escolar não obedece a uma linearidade lógica, mas resulta de uma série de injunções que assumem características específicas em cada espaço social e em cada época.

No artigo de Soares (2002), há uma tentativa de aproximação à história da constituição da área de conhecimento língua portuguesa em disciplina escolar, em saber escolar, com o intuito de, “por meio dessa aproximação, explicar e compreender a natureza e os objetivos dessa disciplina na escola brasileira dos dias de hoje” (SOARES, 2002, p. 157).

Expões a autora que no Brasil colonial, a língua portuguesa não fazia parte do currículo escolar nem, de certa forma, do próprio intercurso social. Somente com as reformas que o Marquês de Pombal implantou em Portugal e suas colônias nos anos 150 de século XVIII é que se tornou obrigatório o uso da língua portuguesa, ficando proibida a utilização de quaisquer outras línguas. Embora haja controvérsias em relação às repercussões dessas reformas, é inegável, segundo a autora, a significativa contribuição de suas medidas para a consolidação de língua portuguesa no Brasil e para a sua inclusão e valorização na escola.

Soares sustenta que em cada momento histórico a constituição da disciplina Português é determinada tanto por fatores externos – condições sociais, econômicas, culturais que determinam a escola e o ensino – quanto por fatores internos – a natureza dos conhecimentos disponíveis sobre a língua, o nível de desenvolvimento em que se encontram esses conhecimentos, a formação dos profissionais que atuam na área. Nesse sentido, destaca a autora que a retomada desses fatores contribui para elucidar cada momento passado e também e também o momento presente.

O texto de Silveira (1991) apresenta dados da constituição da história do ensino de língua portuguesa no Brasil, a parti da década de 1980. A autora defende que, durante essa década, o ensino de língua materna foi sacudido por idéias oriundas principalmente das instituições universitárias e veiculadas em alguns livros básicos e inumeráveis cursos de treinamento de professores. A autora aponta duas razões para o aparecimento de novas concepções no ensino de língua materna. A primeira, do ponto de vista mais teórico, se refere à renovação dos estudos lingüísticos que buscava ultrapassar os níveis puramente formais da análise da sentença. A segunda razão diz respeito à “crise do ensino brasileiro”.

Para Silveira, esses dois fatores congregados, que parecem ser mais determinantes para a eclosão das novas idéias, preparam o terreno para uma reconceptualização dos objetivos, dos pressupostos teóricos subjacentes e das estratégias de ação na área do ensino de língua materna. São rediscutidas as questões da correção lingüística, das práticas de leitura escolar, das práticas de produção textual e, talvez com menor vigor, a problemática da gramática escolar.

Segundo Pessanha et al. (2004), à medida que a história de uma disciplina se desenrola, sofre transformações no seu interior, as quais dificultam a análise de sua relação com a sociedade, dando a impressão de que só os seus fatores internos ou

aqueles relacionados com a sua ciência de referência, foram responsáveis pela sua história. Encontrar os fios da meada desse processo, considerando as forças e os interesses sociais em jogo na história de determinadas disciplinas, pode lançar luz sobre seus conteúdos e suas práticas com o objetivo de, se necessário, modificá-los como se fossem neutros e independentes.

Outras leituras foram realizadas que também tratam do percurso histórico do ensino de língua portuguesa enfocando, particularmente, a trajetória do livro didático de Português (Soares, 1996; Batista, 2004).

No artigo de Soares (1996), a autora aponta que, nos últimos anos, vem sendo lançados sobre o livro didático um olhar pedagógico, um olhar político e um olhar econômico, os quais apenas prescrevem, criticam ou denunciam esse material. Ela propõe, então, um olhar diferente, que investigue, descreva e compreenda-o. Segundo Soares, o que falta é um olhar que se lance do lugar de uma história e de uma sociologia do ensino, que busque uma perspectiva sócio-histórica do livro didático. A autora afirma que, como esse material é um dos instrumentos escolares utilizados para assegurar a aquisição de saberes e competências, ele se converte em fonte privilegiada para uma história do ensino e das disciplinas escolares. Assim, Soares entende que estudar o livro didático no Brasil sob essa perspectiva é um caminho aberto à história do ensino, de suas práticas, das disciplinas escolares, sempre determinado e explicado pela evolução de políticas educacionais, sociais e educacionais.

Para Batista (2004), os textos utilizados em um livro didático, no seu processo de reprodução, podem receber as marcas das distâncias sociais e culturais que separam aquele que escreve daquele que produz o objeto em que inscreve. Nesse mesmo processo, no entanto, os textos podem se transformar ao serem destinados a novos públicos, diferentes daqueles aos quais foram inicialmente destinados.

## **Metodologia**

A metodologia utilizada no trabalho é de caráter qualitativo. Foi investigado um livro didático dos anos 1960, de Domingos Paschoal Cegalla, intitulado *Português*, para a quarta série ginásial, publicado pela Companhia Editora Nacional em 1967, em sua décima quarta edição. Foi feita uma descrição da estrutura física do livro e da organização interna da obra de forma a recuperar as práticas de ensino utilizadas, as concepções de língua, linguagem e ensino de língua materna. A descrição permite chegar a algumas observações sobre a história do ensino de Língua portuguesa desenvolvido naquela época.

## **Conhecendo o livro *Português***

A partir das leituras realizadas que serviram de fundamentação teórica ao desenvolvimento do trabalho, buscou-se conhecer o livro didático *Português*, de Domingos Paschoal Cegalla, publicado nos anos 1960, que foi selecionado por ter sido um manual de grande uso naquele período pelos professores de língua portuguesa, e

pelo fato de seu autor gozar de credibilidade e prestígio no ensino secundário na época, segundo Angelo (2005).

A seguir, alguns aspectos da estrutura física do livro e de sua organização interna serão descritos, assim como serão apontadas as práticas de ensino, as concepções de língua, de linguagem e de ensino de língua que foram apreendidas no manual.

Quanto ao aspecto da estrutura física, o formato do livro didático *Português* é semelhante a outros publicados naquela década.<sup>1</sup> Suas dimensões são: 13,5cm x 20,0cm. Apresenta capa dura com tons moderados e cores discretas como cinza, branco, gelo. O título do livro aparece na arte superior do manual com letras sombreadas e logo abaixo, o nome do autor, Domingos Paschoal Cegalla. Destaca-se na capa um *P* estilizado como uso das cores rosa, preto e branco, sugerindo a letra inicial da disciplina Português. Todos esses aspectos sugerem um caráter que se pretendia dar ao ensino: de seriedade e rigor, o estudo visto como trabalho sério.

Na folha de rosto, encontram-se várias informações importantes a respeito do livro. Primeiro, o autor principal, Domingos Paschoal Cegalla, com a referência *Licenciado em Letras Clássicas* e, a seguir, o segundo autor, Décio Duboc Du Rocher, cujo nome não consta na capa do livro, somente na folha de rosto. Segundo indicação encontrada no livro, esse autor era professor do Colégio Pedro II, considerado modelo para o ensino em geral e para o estudo da língua portuguesa do país, fato esse que dava certa credibilidade e legitimidade ao autor (SOARES, 2002, p. 163). Abaixo dos autores, destacado em fonte maior, maiúscula, está o nome do livro PORTUGUÊS, seguido de três tópicos que serão abordados no manual: Gramática – Antologia – Exercícios. Na organização dos conteúdos, percebe-se que há uma mudança na ordem proposta pelos autores. Primeiro, a antologia; depois, a gramática, cada qual com seus respectivos exercícios.

Na página seguinte, são incluídas obras elaboradas por Cegalla, como forma de credibilidade, competência comprovada do autor. O manual aparece identificado como exemplar número 17.696, impresso no Brasil, portanto, nacional, conforme Soares (1996).

Após a folha de rosto encontra-se uma prece: “Dai-me, Senhor, coragem e força para que possa manter-me digno de haver sido criado à vossa imagem”. Esta transmitindo valores cristãos, propiciando uma identificação entre a oração e o que seria estudado, ou seja, o estudo sendo visto como uma extensão do momento de oração.

O índice do livro apresenta uma divisão bastante clara. Primeiro, a indicação de dois textos: *Amplitude e desenvolvimento do programa de Português (Instruções do Conselho Federal de Educação)* e *O ensino do Português através dos textos*; em segundo lugar, a *Antologia* e em terceiro, a *Gramática*.

As *Instruções do Conselho Federal de Educação* trazem o objetivo do ensino de língua portuguesa, que é proporcionar ao educando adequada expressão oral e escrita,

---

<sup>1</sup> Conforme Batista (2004).

sendo que todas as atividades propiciadas pelo livro didático deveriam levar a este objetivo. Afirma, também, que o estudo da gramática e da estilística “são meramente subsidiários e, por consequência, não de constituir apenas o meio para desenvolver, no discente, a sua capacidade de expressão” (CEGALLA, 1967, p. 11)

Ao destacar o trabalho com a expressão oral. O texto das *Instruções do Conselho Federal de Educação* afirma que para a quarta série ginasial os textos abordados serão de caráter descritivo, narrativo e dissertativo incluindo prosadores e poetas modernos, brasileiros e portugueses. No trabalho com a expressão escrita é destacada a importância de levar o aluno à “utilização correta, ordenada e eficaz das palavras, a fim de que logre alcançar uma expressão clara do pensamento” (ibid., p.12). Segundo as Instruções, para que isso ocorra convirá partir da elaboração de frases breves, sem pretender, todavia, a uniformidade estilística. Quanto ao ensino da gramática, é recomendado que ela deva ser “acentuadamente prático e derivado de exemplos concretos e fluir, tanto quanto possível dos textos” (ibid., p.12).

O texto intitulado *O ensino de Português através dos textos* é uma produção do autor, Domingos Paschoal Cegalla, em que ele traz orientações ao professor em relação à forma de trabalhar com o manual, orientação essa que passa ser uma inovação, pois até então os livros didáticos não davam nenhuma metodologia do trabalho a ser feito (Soares, 2001). Das orientações e sugestões é importante destacar a afirmação de Cegalla referente ao ensino da Língua Portuguesa, na qual afirma que

Para que se torne vivo, eficiente e ameno, o ensino da Língua Portuguesa há de ser ministrado com apoio nos excertos de bons autores modernos. E a leitura atenta, metódica e assídua irá familiarizando o aluno com as coisas da língua, despertando nele o gosto literário e desenvolvendo-lhe progressivamente os segredos da tão bela, mas não menos difícil arte da palavra (CEGALLA, 1997, p. 13).

Quanto à organização interna da obra, destacamos que, no corpo do livro, há um projeto gráfico linear, sem alterações, do começo ao fim. Excetuando a capa do livro, não há uso de ilustrações, imagens, cores. Apenas uma seqüência de textos, comentários, questionários, exercícios e gramática. A preocupação do livro é ensinar língua materna, sem o interesse de agradar ao aluno, em tornar o ensino menos penoso. Não estabelece uma modalidade de relação sedutora com o aluno-leitor seja através de imagens, de atividades ou outras estratégias menos formais.

A estrutura do livro é basicamente a mesma: ele não se encontra dividido em unidade, apresentando os textos apenas numerados, em seqüência, o que era comum na época.<sup>2</sup> Os textos são fragmentos retirados de obras literárias brasileiras ou portuguesas. O número total de textos são de trinta e um, sendo que trinta são de autores brasileiros e um texto de autor português. Além do caráter literário que cada texto apresenta, percebe-se também, um caráter moral associado a eles que, segundo Soares

---

<sup>2</sup> Segundo Batista (2004).

vêm reforçar a concepção de leitura escolar como instrumento de formação ética do aluno e da preservação da moral e dos bons costumes, subjacente ao critério de ‘repelir tudo o que não respirasse a honestidade que cumpre manter no ensino’, declarado por Fausto Barreto e Carlos de Laet no prefácio da Antologia Nacional”. (SOARES, 2001, p. 45)

O trabalho com cada texto está organizado segundo uma sistemática. Primeiramente o autor apresenta o texto, de caráter literário, com a identificação da sua autoria e a fonte de onde o texto foi retirado. A seguir, são fixadas notas de rodapé esclarecendo para o aluno o sentido de expressões do texto, funcionando com um vocabulário auxiliar para uma melhor compreensão textual. As notas de rodapé são colocadas na parte inferior do livro, paralelas ao texto. O número de notas é variável de texto para texto. Quando é apresentado em texto em verso, o número de notas é sempre maior por se tratar de um poema cujo vocabulário é geralmente complexo.

Após essas notas são dadas algumas informações breves sobre a biografia do autor do texto, incluindo informações sobre seu local, data e ano de nascimento, formação acadêmica, alguns títulos recebidos e as principais obras publicadas.

É importante destacar também que, para alguns textos, o autor do manual, apresenta alguns comentários, referentes a aspectos do texto destacando pontos para auxiliar o aluno na leitura com informações adicionais.

Após essa parte é incluído um questionário presente em todos os textos, que varia de seis a dezesseis questões, retomando o texto lido. Algumas questões estão ligadas diretamente ao texto, precisando o aluno apenas consultá-lo para responder ao que se está pedindo; outras questões são de interpretação em que o aluno precisa relacionar o que leu para respondê-las, exigindo assim mais que uma retomada do texto lido. Percebe-se uma preocupação em trazer questões tanto diretas ao texto quanto questões interpretativas.

Para reforçar a compreensão do texto, são também apresentados exercícios de expressão oral sobre o texto lido. Essa atividade consiste, no geral, em um aluno fazer uma interpretação do texto lido. O enunciado do exercício é “*faça uma breve interpretação do texto acima*”, que é muito freqüente, repetindo-se em vários textos.

Na seqüência, ainda ligado ao texto, são apresentados exercícios que tratam de assuntos gramaticais variados sobre acentuação, ortografia, morfologia, sintaxe, semântica, incluindo exercícios de sinônimos e antônimos, em que são utilizadas geralmente frases do texto trabalhado. Esses exercícios são apresentados em atividades variadas como as de classificar, responder, marcar, completar, sublinhar, entre outros. Pede-se, muitas vezes, que o aluno volte ao texto para retirar verbos, sinônimos, etc. O número de exercícios é grande, variando de oito a quinze, contendo um número variável de frase, entre oito a doze.

A seguir, são apresentados alguns temas para a redação, que variam de duas a quatro sugestões, as quais têm vínculo direto ou indireto com o texto, mas não se observa nenhuma atividade preparatória para o seu desenvolvimento, cabendo ao professor o papel de orientador e motivador da produção escrita.

Na seqüência dá-se início propriamente ao estudo da gramática, com o tema a ser trabalhado, conceitos gramaticais e citação de exemplos. O número de exemplos referentes aos conceitos também é variável. Após essa apresentação, são propostos exercícios de fixação do conceito gramatical abordado como numerar, classificar, completar, sublinhar. Em alguns momentos são apresentados exercícios de corrigir e fazer como o modelo. Esse tipo de atividade é pouco comum neste manual, mas chama a atenção por ser um novo tipo de enunciado que começa a surgir. Para estes exercícios gramaticais é freqüente a utilização de frases de autores literários reconhecidos, mas não são frases do texto anteriormente trabalhado.

É curioso notar que os exercícios do livro seguem uma numeração contínua, incluindo exercícios referentes ao texto e à gramática, totalizando um número de trezentos e quarenta exercícios.

Em alguns poucos momentos do livro, há uma recitação, muito valorizada no período, ou seja, uma atividade oral sobre um texto poético, em que o aluno deveria recitar o texto observando a correta pronúncia e pontuação, conforme as *Instruções do Conselho Federal de Educação*, anteriormente citado. Esta atividade localiza-se antes da parte gramatical ou encerrando as atividades propostas do texto em estudo.

É importante destacar que o texto e a gramática, embora sejam colocados no mesmo capítulo, não são trabalhados conjuntamente, mas sim, separados, como se um não tivesse relação com o outro. Essa situação é confirmada em Soares (2002):

é a partir dos anos 1950 e 1960 que gramática e texto passam a constituir um só livro. Entretanto, guardam ainda, uma relativa autonomia: em geral, estão graficamente separados, a gramática apresentada numa metade do livro, os textos na outra metade. (SOARES, 2002, p. 168).

Na parte final do livro encontram-se modelos de cartas e leituras suplementares. As cartas-modelo trazidas aos alunos são escritas por autores consagrados da literatura, como Álvares de Azevedo, Olavo Bilac, Machado de Assis, e tratam tanto de temas mais pessoais, como felicitações, pêsames e recomendações, quanto de assuntos comerciais em que há um maior distanciamento de quem escreve em relação ao leitor. Após a apresentação desses textos, são propostos alguns exercícios de elaboração de diferentes tipos de cartas que se constituem em fixação dos padrões e modelos de correspondência apresentados.

Encerrando o manual, encontram-se as leituras suplementares que se constituem de dezesseis textos de autores da literatura brasileira, sendo onze em prosa e cinco em verso. A diferença é que, ao contrário do que se observava nos textos da antologia, não são apresentados questionários nem exercícios sobre essas leituras, ficando a critério do professor decidir ou escolher como trabalhá-las.

### **Algumas observações**

A partir da análise realizada no manual didático *Português*, de Domingos Paschoal Cegalla, percebe-se que a estrutura interna no trabalho com o ensino de Língua Portuguesa é bastante fixa. O livro está assim organizado: texto: notas bibliográficas do autor do texto, notas de rodapé, questionário, envolvendo uma série de questões voltadas ao texto, algumas diretamente ligadas ao texto e outras exigindo maior interpretação; exercício de expressão oral, exercícios, envolvendo atividades de morfologia, sintaxe, semântica; a gramática: apresenta o tema a ser estudado, o conceito gramatical, exemplos e exercícios de fixação. Em alguns poucos momentos aparece uma atividade de recitação fechando a parte gramatical ou fechando o estudo com o texto.

Não há ainda a estruturação em unidades, mas a forma como o manual está organizado é muito semelhante a uma unidade, sendo que este termo *unidade* aparece a partir dos anos 1970 para designar os grupos de atividade em torno dos quais os livros didáticos se organizam, segundo Batista (2004).

O manual estudado se insere num contexto em que os livros didáticos eram considerados não-consumíveis. O livro didático considerado descartável ou consumível começa a aparecer na década de 1960 e início da década de 1970 com Reinaldo Mathias Ferreira, que inaugura a era do livro descartável ou consumível, conforme Batista (2004).

É pertinente destacar que os textos usados no livro didático analisado eram de certa forma, selecionados de acordo com alguns critérios. Para Batista (2004), um dos critérios essenciais para a seleção dos textos eram a representatividade e legitimidade dos autores e das obras no campo literário para que a seleção propiciasse uma visão da literatura brasileira.

A aceitabilidade do didático, no período era grande, pois atendia as concepções que se tinha sobre leitura, professor-leitor e formação de leitores. Leitura escolar como instrumento de formação ética do aluno e da preservação da moral e dos bons costumes, de acordo com Soares (2001).

## Resultados

O estudo histórico realizado no manual *Português* nos revela alguns resultados a partir da análise realizada. Como práticas de ensino desenvolvidas no livro, têm-se então, a *leitura*, que envolve atividades de interpretação textual, vocabulário (notas de rodapé) e questionário; a *oralidade*, que se dá através de interpretação oral do texto e da recitação; a *gramática*, que é desenvolvida através de frases do texto literário em questão e de frases isoladas de autores da literatura e é explicada e fixada através de muitos exercícios e exemplos; a *escrita*, que é trabalhada através dos vários exercícios do texto e da gramática e também através da redação.

Dentre as práticas é dada uma maior ênfase à gramática, tanto na parte associada ao texto quanto aos estudos propriamente gramaticais. Por outro lado, as demais práticas são menos trabalhadas que a gramática: a leitura, a oralidade e a escrita. Dentre essas, a oralidade é a que ocupa um espaço menor.

A prioridade, portanto, é o ensino da gramática tradicional, com a compreensão de que tal estudo levaria à expressão oral e escrita padrão, correta. As outras práticas eram trabalhadas de forma secundária.

O manual baseia-se em conhecimentos sobre a linguagem na vertente tradicional, que a entendem como expressão do pensamento, segundo Geraldi (1984).

Dado que o livro apresenta apenas textos da língua padrão culta e regras gramaticais exclusivas dessa variedade, é possível verificar que a concepção de língua assumida no manual é a que vê a língua como um bloco homogêneo, pois apresenta somente textos da norma culta e regras gramaticais. A idéia de língua também se vincula a um depositário da cultura nacional (Marcuschi, 2001), que se manifesta em muitos textos de autores brasileiros consagrados. A concepção de ensino de língua é a prescritiva, calcada na gramática tradicional e nos textos literários, paradigma de ensino comum à época.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGELO, Graziela Lucci. *Revisitando o ensino tradicional de Língua Portuguesa*. 2005. Tese (Doutorado em Ensino/Aprendizagem de língua materna). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2005.

BATISTA, Antonio Augusto Gomes. *O texto escolar: uma história*. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2004.

CHERVEL, André. *História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa*. Teoria e Educação. Porto Alegre, n.2, 1990. 177-229 p.

GERALDI, João Wanderley. *O texto na sala de aula: leitura e produção*. 2ª Ed. Cascavel: Editora Assoeste, 1984.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *O papel da Lingüística no ensino de línguas*. Investigações Lingüísticas e Teoria literária. Recife, v.13/14, 2001. 187-218 p.

PESSANHA, Eurize Caldas; BORGES DANIEL, Maria Emília; MENEGAZZO, Maria Adélia. *Da história das disciplinas escolares à história da cultura escolar: uma trajetória de pesquisa*. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 27, set./dez. 2004.

\_\_\_\_\_. *A história da disciplina Língua Portuguesa no Brasil através de manuais didáticos (1870-1950)*. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v.8, n.1 e n.2 mar./ago. 2003 set./fev. 2004.

SILVEIRA, Maria Rosa. *Leitura e produção textual: novas idéias numa velha escola*. Em Mercado Aberto, Brasília, ano 10, n.52, out./dez. 1991.

SOARES, Magda Becker. *Um olhar sobre o livro didático*. In: Presença Pedagógica, v.2, n.12, Nov./dez.1996. 52-64 p.

\_\_\_\_\_. *O livro didático como fone para a história da leitura e formação do professor-leitor*. In: Marinho, M. (org.) *Ler e navegar: Espaços e percursos da leitura*. Campinas: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil, 2001. 31-76 p.

\_\_\_\_\_. *Português na escola: história de uma disciplina curricular*. In: Bagno, M. (org.) *Linguística da norma*. São Paulo: Edições Loyola, 2002. 77-155 p.

SOUZA JÚNIOR, Marcílio; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *História das disciplinas escolares e história da educação: algumas reflexões*. *Revista Educação e Pesquisa*, São Paulo, v.31, n.3, set./dez. 2005. 391-408 p.

